

ELSINORE

ARIANA
HARWICZ



TRILOGIA
DA PAIXÃO

ÍNDICE

7

Prefácio

—

11

Mata-te, Amor

—

137

A Atrasada Mental

—

241

Precoce

—

PREFÁCIO

Escrevi as três novelas com espírito de vingança. Não me recordo de nada além disso, de que numa tarde no fim do verão de 2011 numa zona rural francesa me deitei no pasto, quer dizer, «me deitei na erva entre árvores caídas e tive a impressão de que agarrava uma faca através da qual iria esvaír-me em sangue com um corte ágil na jugular». Lembro-me de que me levantei com o pescoço ensanguentado, caminhei até ao meu quarto, entrei pela janela e sentei-me para escrever a primeira frase do que seria o livro *Mata-te, Amor*. Mas isso não foi escrever. Esse ato a que chamam escrever é mentira, é algo de que devemos duvidar, isso a que chamam escrever é sempre outra coisa, uma guerra, caminhar sonâmbula, é a insónia, algo de outra dimensão.

Palavra por palavra, frase por frase, vírgula por vírgula, ponto por ponto, nada foi corrigido ou alterado por nenhum editor em nenhuma edição. Não porque seja extraordinário, mas para preservar naquela primeira página a música singular daquele final de tarde de verão de 2011. Escrever para fazer durar o desaparecimento. Escrevi então como um ajuste de contas, pois se não é permitido disparar, incendiar estábulos ou sequestrar vizinhos, eis o que é, pelo menos, outro modo de fazer justiça com as próprias mãos.

Escrevi *Mata-te, Amor* enquanto dormia com o choro enlouquecedor do bebé nos meus ouvidos, vendo os gatos debaixo da geadá, com os roedores a desfilar pela casa, com o ARHH ARHH

de uma coruja a cuspir os cérebros que não conseguia deglutir, e fi-lo sem saber que estava a escrever uma novela, sem ser nada, muito menos escritora. Que nojo seria falar, diz ela, que nojo seria escrever. Escrever sem saber que se está a escrever, escrever a antiescrita, sonho maior de qualquer escritor.

De *A Atrasada Mental* recordo, como um clarão, uma mota a velocidade máxima, e sobre mim, «uma lua dilacerada por chicotadas negras». «Não venho de lado nenhum, o mundo é uma lua dilacerada por chicotadas negras.»

Uma editora insinuou que rejeitava o manuscrito porque não se compreendia o início da personagem: como é que não vem de lado nenhum? Outro editor disse-me que havia demasiada masturbação frenética. Porquê tanto sexo? Não é sexo, é ânsia, é comédia, disse-lhe, mas já não me respondeu. Os editores são sádicos, quem não o é. Vejo uma estrada tenebrosa, a hora entre *chien et loup*. Lembro-me de uma rapariga do *hameau* que apanhava galhos nas sarjetas, a mesma rapariga a quem chamavam «a atrasada da aldeia», que viajava numa cabina de um comboio para Paris. Era ela, era «a atrasada mental». Depois apareceu a mãe, ambas vestidas a rigor, a lutar contra a perda do desejo como se luta contra a calvície e a comer com as mãos. Eu também comia com a mão enquanto escrevia. É preciso viver os romances primeiro, depois escrevê-los, e deixar de os viver, «chegar à experiência da linguagem». Lembro-me de numa madrugada estar numa casa em pleno campo, as pessoas falavam, e eu tristíssima, quando chegou uma mensagem de Damián Tabarovsky em que enumerava tudo o que não gostava na novela, mas no fim concluía, como um milagre, que queria publicá-la. Os editores são sádicos, os escritores também. Nesse momento olhei para a Lua e agradeci-lhe.

Precece é a ovelha negra, a extraviada, a anarquista, o *road movie* das periferias, o longo poema lúgubre sem pontuação, sem capítulos, nem cortes. A novela da derrapagem. A filha *borderline* com cadastro, que chega ao encontro de Natal e de quem todos fogem. Escrevi-a nas vinhas, nas ilhotas arenosas do Loire, o último rio selvagem da Europa, nas tabernas de alcoólicos de várias gerações: bisavô, avô, pai e filho, nenhum deles sóbrio. A novela surgiu num hangar quando vi o vomitar da boca aberta dos patos no momento em que lhes arrancam o fígado para fazer o *foie gras*. Mas também quando duas aves se despenharam em pleno voo. *Precece* é a mãe extasiada com o filho alto e pesado em cima dela.

As três novelas são fotografias de álbuns a preto-e-branco guiados pelas sonatas de Glenn Gould. Foi ele quem me deu o tom e a angústia. Sem Glenn Gould, a escrita não teria acontecido.

Passados dez anos, o livro *Mata-te, Amor* foi levado a julgamento e lido numa sentença por um juiz de província francês. Citaram a novela contra mim, enquanto «exemplo de como um livro em que a personagem odeia a maternidade faz da autora uma má mãe». Escrever não é, como nos querem fazer acreditar hoje, aderir a uma ideologia, pugnar por uma ideologia, submeter-se a uma identidade; escrever é opor-se ao mundo. Espero que as três novelas reunidas sejam lidas como quem entrasse numa casa de outro século e visitasse umas irmãs antissociais, excêntricas, umas mães desviantes.

Perdoe-as, caro juiz, que elas têm tanto direito a existir como o senhor. Ou talvez mais.

Ariana Harwicz

MATA-TE, AMOR

Deitei-me na erva entre árvores caídas, e o sol que me aquece a palma da mão deu-me a impressão de que agarrava uma faca através da qual iria esvair-me em sangue com um corte ágil na jugular. Atrás de mim, no cenário de uma casa entre o decadente e o familiar, sentia as vozes do meu filho e do meu marido. Ambos despídos. Ambos a chapinhar na piscina de plástico azul, com a água a trinta e cinco graus. Era um domingo, véspera de feriado. Estava a poucos passos deles, escondida entre as ervas daninhas. Espiava-os. Como é que eu, uma mulher doente e doentia que sonha em ter uma faca na mão, era a mãe e a esposa daqueles dois indivíduos? O que faria? Escondi o corpo enterrando-me na terra. Não ia matá-los. Deixei cair a faca. Fui pendurar a roupa como se nada tivesse acontecido. Prendi bem as meias do meu bebé e do meu homem. As cuecas e as camisas. Olhei para mim mesma como uma campesina ignorante que pendura a roupa e seca as mãos na saia antes de entrar na cozinha. Não se aperceberam de nada. A roupa pendurada foi um êxito. Voltei a deitar-me entre os troncos. Já estamos a cortar a madeira para a próxima estação. Os homens aqui preparam-se para o inverno como os animais. Nada nos distingue uns dos outros. Eu própria, alfabetizada e licenciada, sou mais animal do que essas raposas sem esperança de salvação, com os focinhos tingidos de vermelho e um pau a atravessar-lhes a boca de par em par. A poucos quilómetros daqui, o meu vizinho Frank, o mais velho de sete irmãos, deu um tiro no cu com uma caçadeira no Natal passado. Uma bela

surpresa para a sua tribo de filhos. O tipo seguiu a tradição. Suicídio por caçadeira para o trisavô, o bisavô, o avô e o pai, o mínimo que se podia dizer era que chegara a vez dele. E eu? Uma mulher normal, de uma família normal, mas uma excêntrica, perdida, mãe de uma criança e com outra, quem sabe nesta altura, a caminho. Meti lentamente a mão por dentro das cuecas. E pensar que sou a responsável por zelar pela educação do meu filho. O meu marido chama-me para beber umas cervejitas no alpendre, pergunta-me se quero loira ou preta. Parece que o bebé se cagou e que tenho de lhe comprar um bolo para comemorar meio ano de vida. As outras mães tratam certamente disto elas próprias. Seis meses, dizem-me, não é o mesmo que cinco ou sete. Sempre que olho para ele, lembro-me do meu marido por trás de mim, quase a ejacular nas minhas costas quando lhe passou pela cabeça virar-me e entrar, no último segundo. Se não tivesse havido aquele gesto de me virar, se eu tivesse fechado as pernas, se lhe tivesse agarrado a pila, não teria de ir à pastelaria comprar o bolo recheado com creme ou chocolate e as velinhas, já passou meio ano. As outras, no momento em que dão à luz, costumam dizer, já não consigo imaginar a minha vida sem ele, é como se tivesse estado aqui desde sempre, pfff. Já vou, amor! Quero gritar, mas afundo-me mais na terra gretada. Quero rosnar, gritar, e em troca deixo que os mosquitos me piquem, que se deleitem com a minha pele açucarada. O sol devolve-me o brilho prateado da faca que tenho na mão e cega-me. O céu está vermelho, violeta, treme. Ouço-os à minha procura, o bebé cagado e o marido despido. Ma-mã, ta-ta, có-có. É o meu bebé a falar, toda a noite. Có-có-na-na-bá-bá. Ali estão. Deixo a faca no prado queimado, espero que quando a reencontrar pareça um bisturi, uma pena, um alfinete. Levanto-me quente e incomodada pelo formigueiro no

entrepernas. Loira ou preta?; como preferires, amor. Somos um desses casais que mecanizam a palavra amor mesmo quando se detestam; amor, não te quero voltar a ver. Já vou, digo-lhe, e sou uma falsa mulher do campo com uma saia vermelha às bolinhas e cabelo esvoaçante. Traz-me uma loira, digo com o meu sotaque. E sou uma mulher que se deixou levar e tem cáries e já não lê. Lê, idiota, digo a mim mesma, lê uma frase completa. Aqui estamos nós três juntos para uma fotografia de família. Brindamos à felicidade do bebé e bebemos as nossas cervejas, o meu filho mastiga uma folha na sua cadeirinha. Toco-lhe com a mão e ele guincha e morde-me com as gengivas. O meu marido quer plantar uma árvore para dar uma vida longa ao bebé e eu não sei o que lhe dizer, faço um sorriso amarelo. Será que ele se apercebe? Com tantas mulheres bonitas e saudáveis que há na região, acabou por se enrolar comigo. Um caso clínico. Uma estrangeira. Alguém que devia ser classificada como incurável. Que dia tão húmido, não achas? Parece que veio para ficar, diz ele. Engulo o conteúdo da garrafa em longos tragos e respiro pelo nariz, desejando estar, exatamente, morta.

Estou no quarto do menino, iluminado por uma pequena luz azul-clara, vejo o meu mamilo que o sacia a cada gole. O meu marido, já me habituei a chamar-lhe assim, fuma lá fora, ouço o sopro do fumo a um ritmo regular, fffff, fffff. O bebé engasga-se com o meu leite e eu inclino-o sobre mim para o fazer arrotar, aquele ar que lhe fica preso no estômago, ar do meu leite, ar do meu peito, ar do meu âmago. Depois do arrote cai como um peso morto, as mãos balançam, as pálpebras alargam-se, a respiração torna-se letárgica. Deito-o abraçado ao meu lenço e, enquanto o enrolo, Isadora Duncan. Quem tem qual vida. Em que corpo estás. Deixo de ouvir o fumo entre os dentes do meu cônjuge. Deito fora a fralda pesada. Caminho até ao janelão da sala, imagino-me sempre a atravessá-lo e a cortar-me toda, como se fosse um jogo, quero sempre atravessar a minha própria sombra. Prestes a despenhar-me, estaco, abro-a. Lá fora, o meu marido jorra um esguicho cor de mate, vejo as gotas quentes e amareladas sobre a chapa da porta da garagem, desenhando uma cascata. Vira-se, sorri para mim com as mãos no seu sexo flácido e gotejante, e apaga o cigarro que tem na boca com a cascata de mijo. Vamos ver as estrelas? Nunca soube como dizer-lhe que as estrelas não me interessam. Que não me interessa o que existe no céu. Que não me interessa o seu telescópio, que agora carrega com dificuldade até ao fundo do terreno, quase a descer para o bosque. Não quero contá-las, descobrir-lhes as formas, ver qual delas é mais brilhante, saber porque se chamam as Três Marias ou o colar

de pérolas ou a frigideira com o cabo comprido. Ele instala a sua joia de três pernas. O meu marido é um tipo entusiasta. Vês o colar de pérolas? Sim, querido. Olha para estes pontos luminosos, cintilantes, não te apetece comê-los com os olhos?, parecem tão pequeninos, e pensar que na verdade são massas enormes. Não, pensei, não gosto de distorções. Nem óticas, nem sonoras, nem sensoriais, nem olfativas, nem cerebrais, não gosto dos objetos negros do céu. Enchem-me de energia, diz ele. Olha aquela constelação e tenta saltar de uma estrela para a outra como se atravessasses uma pequena ponte de troncos movediços... e vê bem aquela cara, parece um esqueleto! A sua exaltação magoa-me. Abraça-me pelo ombro. Há meses que não nos abraçamos. Tão-pouco damos as mãos, empurramos o carrinho ou pegamos no bebé. Vês a Ursa Maior e a Ursa Menor? Sim, claro, digo e abraço-o, mas os meus olhos detêm-se no vazio sem estrelas, na ausência de luz. Perante o desafio do céu escuro que temos sobre nós, qualquer noite... Um cometa!, gritou, e desabraçou-me com a emoção. Não o vi passar. Tens de estar atenta, só é possível vê-los quando estão perto do Sol e durante um curto período de tempo. E conseguiste ver o trajeto dele?, perguntou irritado. Ato contínuo, acendeu um cigarro, o truque é conseguirmos orientar-nos no céu. Olha para aquele grupo de estrelas, segue uma linha imaginária, vês?, não é mais difícil do que ler um mapa de estradas e seguir a linha tracejada para não cair no mar. Pareceu-me que o menino chorava, mas oiço-o chorar todas as noites e quando me aproximo dele o silêncio é total, como se um fragmento do seu choro tivesse sido gravado e se reproduzisse sozinho. Mas às vezes não oiço nada. Estou sentada no sofá, a poucos metros do quarto dele, a ver um programa sobre troca de casais, amas a pedido, ou a pintar as unhas, quando o meu

querido aparece com as cuecas um pouco descaídas e me diz: porque é que ele não pára de chorar?, o que é que ele quer?, tu és a mãe dele, tens de saber. Não sei o que quer, respondo, não faço a mínima ideia... A Lua não te relaxa? Aproxima-te da lente, observa-a hoje porque não estará igual amanhã, aquelas crateras cinzentas dão-me vontade de a comer ou de a fumar! Olhei para a Lua, mas na verdade lembrei-me do som do choro, do meu corpo a isolar-se, impaciente por que ele pare de chorar. O conselho que a jovem assistente social ao domicílio me deu quando a minha sogra lhe telefonou, preocupada: «Se o seu filho chorar tanto que a faz perder a compostura e sentir que está prestes a descontrolar-se, fuja. Entregue a criança a outra pessoa e vá para um lugar onde possa recuperar o sentido e a calma. Se, por outro lado, estiver sozinha e não tiver a possibilidade de deixar a criança ao cuidado de outra pessoa, fuja na mesma. Deixe a criança num lugar seguro e afaste-se alguns metros. Devia haver benzedadeiras por estas bandas, aquelas aldeãs que, pelo mesmo preço, resolvem a indigestão do seu homem e o choro caprichoso do bebé.» Gostava de ter estado na *Apollo*, estás a ouvir-me?, ou numa missão qualquer ao espaço... ouves o que digo? Na *Apollo*, a ver a Terra afastar-se... Chiu! Achas que está a chorar? Ouviste-o chorar? Estou a falar-te da Lua! A Lua é como tu, gosta de se esconder, diz ele, e eu penso nas caminhadas com ele ao meu colo durante horas e horas com diferentes coreografias, da aflição ao pranto, do pranto à aflição, penso nesse animal feroz que é um filho, nessa ideia de levar o nosso coração com o outro para sempre. Até que se cansou, fechou o telescópio e levou-o para a garagem onde o guardou com as suas ferramentas, o trator do meu sogro e a canoa com os remos. O bebezinho, como lhe chamam os meus sogros, não chorava, o silêncio no seu quarto era tal

que tive de lhe tocar para ver se estava vivo. Então voltei para a sala com o janelão, dirigi-me diretamente para o reflexo e, mesmo antes de me atirar e de atravessar o vidro, abri-o. O meu marido estava a fumar outro cigarro, tinha aberto o seu segundo maço enquanto insultava a Lua e me insultava a mim, de igual forma. Vi o fumo dele a envolvê-lo, o que me intimidou. A coisa mais agressiva que ele me disse em sete anos foi «mostra quem és». Eu disse-lhe no primeiro mês de namoro, «considera-te um homem morto». Ficámos lado a lado sobre a geada, a água na erva tingia-nos. Os pés aquosos. A terra revolvida pelas toupeiras formava crateras. Ele já não olhava para o alto, eu ainda menos. Pareceu-me que um cometa passou por cima de nós, breve como tudo. Depois fomos dormir, cada um para a sua cama. Habituei-me a dormir sozinha e deitada na diagonal nesta casa, que já foi uma vacaria, com tudo o que isso possa significar. Qualquer coisa forma uma família, disse, enquanto os meus olhos se fechavam.

Quando o meu marido parte em viagem, cada segundo de silêncio é seguido de uma horda de demónios a invadir-me o cérebro. Uma ratazana salta sobre o teto transparente. Parece divertir-se, a louca. A cada minuto vou ver se o meu bebé respira, toco-lhe para ver se reage, destapo-o, mudo-o de posição, ilumino-o, levanto-o, ainda estamos na fase da morte súbita. Depois controlo-me, faço uma sanduíche e fico a ver televisão. Mas depois o arhh, arhh de um corujão, esse som genital, involuntário e erótico aterra-me. Desligo a televisão. Imagino os animais numa orgia, um veado, uma ratazana e um javali. Rio-me, mas aquela miscelânea de bichos de imediato me aterroriza. Patas, caudas e escamas enredadas numa corrida de prazer. Como ejaculará um javali? Torno a ouvir o arhh, arhh, como se se estivesse a enforcar, arhh, arhh, como um gargarejo rouco e felino a sair do bico curvo do corujão. Pela janela da sala vejo, ao fundo, a velha caravana. Não sei porque é que aquela casa, que já nos deixou mais do que uma vez no meio da estrada, está tão embruxada. Está enferrujada, mas o meu homem diz que ainda podemos usá-la mais uns quantos quilómetros e que nós três podíamos ir ver o mar. Tenho medo de que capote e mate o bebé. Matar o bebé entre nós dois. Entre as duas e as quatro da manhã vem o pior, depois acalma e volto a preparar algo para comer. Mas entre as duas e as quatro horas dá-me vontade de me mexer. Vejo a maçaneta da porta a abrir-se sozinha. Vejo-me a entrar no bosque e a deixar o carrinho deslizar encosta abaixo. Arhh, arhh, por sorte toca o telefone. Amor, onde estás?

Ainda a duzentos e oitenta quilómetros? Ah, comeste no McDonald's? E depois atestaste o depósito? OK, liga-me da próxima estação. Beijo. Beijo. Os telefonemazitos feitos da autoestrada entrecortam-me a loucura. Volto para ver se o meu bebé está a dormir. Disponho os peluches por ordem de chegada. Será que o meu querido cônjuge vai para um hotel de mau gosto com uma empregada do *Drive Thru* do MacDonald's? Ando pela casa de gatas. Vou folhear qualquer coisa. A minha biblioteca está cheia de livros não lidos que comprei para a gravidez. De repente, do nada, digo a mim própria que não sou boa na cama e que ele o sabe. É por isso que ele deve ter ido para um hotel de beira de estrada e paredes rachadas, com a empregada inculta que cavalga dando saltos melhor do que eu. Gosto de pensar em sexo, não de o fazer. Sempre fui boa na teoria e chumbei na prática, é por isso que não sei conduzir embora tenha decorado as regras do trânsito. Tento concentrar-me em Virginia Woolf, presente do meu homem, mas tenho demasiado leite nas mamas. Porque é que ele dorme tanto? Porque é que não acorda? A morte num filho é ficção científica. Vou vê-lo. Saio de casa, um *Ferrari* vermelho passa a toda a velocidade. Fico à porta com o telemóvel na mão. Diz-se que as ondas provocam cancro. A minha mão está em estado terminal. Já devia estar a ligar-me, como sempre faz quando chega à estação seguinte. Melisa, a rapariga solteira com dois filhos que vive na casa ao lado, tem a janela aberta e a luz acesa. Parece-me que está a chorar ou a gemer. Mostra o rabo para ganhar a vida, um homem algures vai escrever no *chat* «Oh, Deus, que delícia!», e pagará mais para continuar a ver-lhe a racha. Porque é que o telefone não toca? O cliente vai querer lambê-la, ela besunta-se, o tipo chupa o monitor lá no seu apartamento no centro da cidade. Olho para o cãozinho rafeiro amarrado do outro lado da

rua, põe a língua de fora para mim. Toca o telefone! Amor... Olá! Olá! Estás a beber um café de máquina? O que comeste? Bom, espero por ti acordada, eu também, adeus. Beijo. Beijo. Já está, telefonou. Usei o tom de voz certo. Perguntei-lhe o mesmo de sempre, o que comeste? Porque é que nós, mulheres, perguntamos aos nossos maridos o que comeram? O que raio queremos saber ao perguntar se comeram? Se foderam? Se são infelizes connosco? Se pensam em deixar-nos dizendo que vão comer um gelado? Caminho desviando-me das urtigas e desço para o bosque. A uma certa hora aparece um veado e observa-me de uma forma brutal, como nunca ninguém me olhou. Gostava de o abraçar, se fosse possível. Mais tarde li algumas páginas, depois da gravidez demoro cada vez mais tempo para ler uma página, e rapidamente adormeço. Mas que suspiro é esse entrecortado com um suspiro?, a vizinha de cabelo pintado de ruivo a expor o seu orifício ou o cão no cio? Esperar pelo meu marido é uma provação. Devia cozinhar-lhe qualquer coisa para quando ele chegar, mas não sei. Conta sempre a mesma anedota. A vez em que os meus sogros vieram passar o dia e eu fiz o almoço. A ementa: croquetes de arroz com arroz. E todos se riem de mim. Não todos, o bebé não o faz. Mas, antes de o bebé existir, todos. Às gargalhadas. Por vezes quero que ele chore para me poder enfiar na cama dele sem culpa e despejar as minhas mamas. Nos dias sem o meu marido fico agressiva. Imploro com os fracos, como a enfermeira gorda que vem dar injeções de anticoagulante ao meu vizinho doente. A senhora chega no seu carrinho branco todas as manhãs às sete horas em ponto. Nunca a vi fazer um gesto diferente. Desliga o motor, sai do carro e caminha até à casa como só os funcionários públicos ou as enfermeiras ao domicílio fazem num lugar tão remoto como este. Hoje fui despejar o lixo e olhei para ela com

nojo ao passar. Ela cumprimentou-me como uma pessoa civilizada e eu rosnei-lhe. Aumentei o tom da voz, dando alguns passos em direção a ela e mostrando-me disposta a resolver a coisa a murro. E ela encolheu-se. Pobre gorda, deve ter pensado que eu era de um país em guerra. Eu estava desgrenhada, vestia a camisola de basquetebol do meu homem, de quando ele jogava, que me dava a aparência de ter um corpo que não tenho. Pensou certamente que lhe ia partir os dentes com uma cabeçada. A medrosa entrou depressa em casa do doente, para lhe esfregar a pele com álcool e lhe dar a injeção. Sou arrogante para com os caixas de supermercado, os estafetas das pizarias e as empregadas dos salões de manicura. Grito-lhes em público, gosto de fazer escândalos, de os humilhar, de lhes mostrar quão temerosos são. Porque é isso que eles são, cobardes, como é que nunca nenhum deles me foi às trombas? Como é que nenhum chama alguém para que me expulsem? É tão óbvio que têm razão, que quem procura problemas sou eu, que eles só estão a fazer o seu trabalho e não prejudicam ninguém. Nos dias em que o meu marido vai de viagem, ponho um bebé de plástico no banco de trás do carro em pleno verão. Diverte-me ver quantos vizinhos e funcionários públicos ficam alarmados. Gosto de observar as suas reações de bons cidadãos, de heróis que querem partir o vidro e salvar a criaturinha de uma morte por asfixia. Diverte-me ver o camião dos bombeiros chegar à aldeia com a sirene. Atrasados mentais. E se eu quiser deixar o meu bebé dentro do carro com uma sensação térmica de quarenta graus, deixo. E não me venham dizer que é ilegal. Se eu quiser optar pela ilegalidade, se quiser ser uma das muitas congeladoras de fetos, simplesmente faço-o. Se quiser ser presa durante vinte anos ou fugir, também é uma possibilidade. No outro dia, a vizinha ruiva contava à enfermeira que na aldeia, mas do

outro lado do rio, um tipo tinha *abusado sexualmente* uma menina. A conversa prosseguiu como se não tivesse acontecido nada de especial. Só eu poderia ter escolhido criar o meu filho nesta fauna repleta de fãs de *punk-rock* consumidores de ácido, com nódoas negras aqui e ali resultantes de quedas acidentais e outros lugares-comuns da autodestruição. Como costume dizer, se o teu marido ou o teu pai te batem, assume-o. Devias rugir-lhes em vez de lhes dizer bom dia. Degenerados. A tagarelice, ou melhor, o solipsismo a que estou habituada deu frutos. Oiço o motor do carro do meu marido. Já estou ao portão, a sorrir. Lá vem ele, o carro está a chegar... manobra, desvia-se de uma pedra, eu caminho de um lado para o outro, estou impaciente por que ele saia e me beije, por sentir o cheiro do tabaco no seu bigode. Beijamo-nos. Como todos os casais, sem língua. Entramos, ele poisa a mala com os produtos não vendidos e as amostras. Empilha melhor as caixinhas, mostra os maços de dez. Quatro mil em maços de dez, uau. Ajudo-o a despir o casaco. Aqueço a sua segunda refeição da noite no micro-ondas, de onde saem faíscas. Deixo-a aquecer demasiado, queimo-me quando agarro o prato. Sentamo-nos à mesa. Olhamos um para o outro e conversamos, tudo entre aspás, isto não é trocar olhares nem conversar. Um pouco depois, vejo-o sair, diz que precisa de ir lá fora mijar, quem é que consegue mijar dentro de casa. É viciado no ar livre, não percebo esta fixação que tem com a merda do céu. Gosta dele quando está azul e fica feliz quando não há nuvens. Para mim é irrelevante se estou ao ar livre ou enclausurada num baú. Por fim, o bebé esvazia-me a mama direita e a esquerda. O meu marido vê desenhos animados para ficar com a cabeça em branco. Vou fazer-lhe uma carícia e ele queixa-se porque lhe interrompi o bocejo. Depois apagamos uma a uma as luzes da nossa fazenda, que

ainda cheira a couro. Eu estava em plena maratona masturbatória quando regressou o arhh, arhh e me desconcentrei, arhh. Saí para molhar a cara e apanhei-o, ele também estava acalorado. Trocámos um breve olhar e voltámos a ficar cada um na sua.

A minha última recordação da gravidez é do Natal, com toda a família do meu marido presente, vinda de povoações ainda mais perdidas do que esta. O meu estômago revolvía-se, o bebé mexia-se a uma velocidade invulgar, as pessoas faziam figas para não terem de sair a correr e poderem acabar de comer o peru com maçã. Eu estava na sala de estar, em frente à lareira, e não me lembro de ter feito nada de estranho que denunciasses o meu desespero. Há muito que continha tudo num, pensei eu, balanceio que me parecia progressivo mas subtil, quando, de repente, me convidaram a sentar-me e a tomar uma bebida fresca. Não sei em que momento o desejo de morrer se vê ameaçado por sentar o rabo na cadeira e beber água. Obrigada, avó, não se incomode; mas mesmo assim sentaram-me e trouxeram-me o copito de água fresca. Este grupo de pessoas que vive à minha volta vai acabar por me causar um ataque. Quem me dera ter como vizinhos Egon Schiele, Lucien Freud e Francis Bacon, para que o meu filho crescesse e se desenvolvesse intelectualmente vendo que o mundo para onde o trouxe é um pouco mais interessante do que este abrir de claraboias através das quais não se vê nada. Assim que todos os outros fugiram para se desincharem nos quartos, ouvi o meu sogro a cortar a erva em pleno nevão com o seu novo trator verde, e pensei que se pudesse linchar toda a minha família para ficar um minuto a sós com Glenn Gould, o faria. Depois vi-o sentado à secretária a verificar os recibos do supermercado do mês. Relia o preço de cada artigo e verificava com a calculadora se

estavam corretos. Quando terminou os cálculos no seu caderno de despesas mensais, o abajur já não lhe servia para nada. Jantámos de novo todos juntos, lembro-me agora de o ver a contraluz, a imagem cansada de um homem normal que se julga excepcional; depois lavou a prótese e foi deitar-se. E é isto um dia vivido? É isto um ser humano a viver um dia da sua vida? No quarto dele há uma espingarda e vários cartuchos na mesa de cabeceira. Eu digo sempre que não me vou deixar matar na minha cama. Se ouço barulhos, armo a espingarda e desço as escadas. E se deparar com malvados, disparo. Para os pés, dizia ele, sugando a saliva que lhe ficava sempre presa na boca. A minha sogra passou o dia a olhar para mim com ar angustiado. Já não sabia que mais poderia fazer por mim quando, de madrugada, bateu à porta e entrou timidamente com mais um copo de água e um pequeno comprimido verde e branco. Obrigada, respondi, e assim que ela saiu atirei-o para o lume. Não gosto dos efeitos secundários. Não gosto da antidepressão. A única coisa que podia fazer nestes casos era abraçar a minha barriga e esperar. O bebé dormia lá dentro, embrulhado em tripas, alheio a mim. Naqueles dias, nem ele me ajudava. Assim que acabou o ritual dos copos de água e dos desejos de melhoras, fugi da vista do meu marido, que nessa altura já atirava setas para um alvo no terraço. Sempre que errava o lançamento, dizia: uuuh! Depois de atravessar a sala cheia de papéis de embrulho, laços e escumadeiras, aproximei-me da pilha de roupa para o não nascido mas não cheguei a guardar nada. Em vez disso, entrei no bosque exausta pelas contrações. A dor volta agora e ataca-me como um cão. As perguntas daquele Natal atravessam-me com mais força do que os tiros dos caçadores. Tens estado atenta às ofertas de emprego? Estão a pensar pôr o menino na creche? Têm conseguido pagar

os impostos? E a segurança social? Precisam de ajuda? Já cheguei. Só em casos de emergência é que desço para aqui à noite. Como é que o meu sogro pode ter passado a tarde de 24 de dezembro a reler faturas e recibos, como é que pode ter uma arma debaixo da almofada. Como é que a minha sogra fala tão baixinho, caminha com passos tão curtos, é tão modesta e oferece um *Prozac* a uma futura mãe. Como é que o meu sogro e a minha sogra conseguem dormir entre os mesmos lençóis, manta e colcha, entre as mesmas paredes forradas a papel há cinquenta anos. O meu marido pousa as setas e sai para me procurar no bosque. Avanço e entro no turbilhão de troncos e rebentos. Sou uma, o meu corpo são dois. Entre as fileiras de fumo vejo um grupinho de ciganos marginais acampados junto ao lago nevado com uma autocaravana tão precária como a nossa. Vejo-os a fumar e a rir noutra língua sobre o orvalho gelado. De manhã, os meus sogros queixar-se-ão das latas de cerveja e das seringas no chão. Para lá deste ponto há vespeiros de vespas melíferas selvagens e um caminho que leva à autoestrada. Depois do dilúvio brotam enormes quantidades de cogumelos, que agora vejo apodrecerem. Gostava que a primeira palavra que o meu filho dissesse fosse bonita. Para mim, isso é mais importante do que a sua obra social. E se não for bonita, pois que não fale. Que diga magnólia, que diga piedade, não mamã ou papá, não água. Que diga devaneio. O meu marido encontrou-me a saltar sobre uma charca. Fiquei envergonhada, disse que estava bem e voltei a trote para casa.

A minha primeira memória com o bebé fora de mim é no alpendre da minha casa. A noite cai e começa o declínio, a agitação, um estado alterado. Tenho medo do mal que possa fazer ao recém-nascido e por isso fico na cadeira de vime a contar pirilampos ou o número de vezes que ouço o grito de um animal. Não vou sentar-me à mesa quando me chamam para comer, será de novo restos do jantar de Natal, ou em frente à lareira quando a família se reúne como agora. Ouço os garfos a entrar na boca, ouço-os engolir enquanto vou enlouquecendo, mas nem sei se de facto enlouqueço. Ninguém sabe. Nem eu, nem o meu homem, muito menos um médico. A minha sogra é viciada, eu espirro e ela já quer chamar os médicos. Adora-os, idolatra-os. Acho que quando diz doutor, fica molhada. Não sei o que ela pensa que há a fazer perante um pâncreas destruído. A minha cabeça achata-se, perde-se na margem. Quando me dignar a entrar, a comida estará fria em cima da mesa e haverá uma nota escrita à mão: «Tem um bom jantar, amo-te.» No final da noite, é tanta a raiva acumulada em mim que poderia beber até ter uma paragem cardíaca. É o que digo a mim própria, mas não é verdade. Não consegui beber sequer meia garrafa. Eis os meus dias, um entupimento contínuo. Morte lenta. Agora a minha sogra está a servir a sobremesa, a colher raspa o fundo da taça. Peras mergulhadas em conhaque ou em chocolate. Eles já não se interrogam dos motivos por que não me sento à mesa. Porque é que já não partilho a cama, nem a mesa, nem a casa de banho. Às vezes saio de casa aos

pontapés no ar e, mesmo que descobrisse que os meus sogros me espiavam da janela, continuaria. Já contei três pirilampos e deve haver mais. Estando aqui fora consigo aperceber-me, e é por isso que não entro. A morte está presente no fogo, no tapete, nas cortinas, no ar bafiento dos móveis de campo e no serviço de mesa metalizado. No vaso sem flores. A morte exala dos guarda-chuvas empilhados junto à porta. Deito-me e levanto-me tantas vezes que não sei quando aconteceu cada um desses momentos. O bebé é tão pequeno que se perde nos lençóis, como um peixe minúsculo. Todos se vestirão de negro, até as crianças. Esta noite assusta-me, poria Glenn Gould a tocar como pano de fundo sonoro mas a música erudita adormece o meu marido, anestesia-me, amor, diz ele. O facto de o meu sogro ter morrido enquanto dormia só agravou a minha sorte. Sinto este céu como uma cortina de veludo que não deixa ver nada. Tento milhares de vezes, mas fecha-se cada vez mais. E digamos que a sua última frase antes de se deitar, «o meu neto seguirá as minhas pegadas», com o seu espírito épico intranscendente, também não ajuda muito. Em frente à sua campa vi os seus dentes com extrema nitidez. Provocavam-lhe dores constantemente ou ele escovava-os enquanto falava connosco. Umhas poucas pessoas lacrimejavam atrás de nós. Outras sentiam-se obrigadas a manter uma distância prudente e respeitosa da campa. Já está. É um homem que desapareceu. Pronto. Como um cavalo que atravessasse uma povoação onde ninguém recorda o retumbar do animal. Abraço o meu homem enquanto o bebé recém-nascido sorri para as campas. Pensei na minha sogra enquanto abria a casa para a arejar. A tirar os óculos. A sentir o seu querido nas costas da cadeira de baloiço onde ele dormitava. A minha sogrinha. Cozinhar, a partir de agora, nas mesmas frigideiras onde lhe fazia os ovos estrelados e a aveia.

A oferecer as meias do marido aos vizinhos, a quem servirem. Enquanto descem o caixão, vejo-a ir da casa de banho para a cama, ouço-o falar, tossir, risonar. A camisa de dormir dela revela os mamilos escuros e azulados, os tornozelos salientes. A minha sogra com a mão na boca, abraçada à arrastadeira do marido. E depois a minha sogra em câmara lenta, uma idosa agitada ao abrir uma porta de correr ou ao fechar uma clara-boia. Ela conta à família que, antes de morrer, o seu amor a agarrou com muita força, mas que mais tarde o médico lhe disse que se tratava apenas de um ato reflexo. Foi nesse momento que me senti próxima dela pela primeira vez.

Agora falo como ele. Sendo ele, penso nela e seca-se-me a boca. Não sei o que faz deitada como despojo na erva densa e leve, de barriga para cima. Usa a mesma camisa de ontem. Rosa, sem mangas. Usa as mesmas calças pretas da semana passada. Vê tudo. Já lhe conheço o guarda-roupa todo, diz. Calça galochas, embora não chova. Veste saias largas que lhe fazem uma anca que depois, com os calções de ganga, se vê que não tem. Prende o cabelo num coque com ar de falsa bailarina clássica prestes a entrar em palco. Conheço-lhe as posições, senta-se curvada, com a cabeça caída entre as pernas. Ou deita-se, como agora, e parece que alguém a deixou ali estendida. Come com a mão, diretamente da travessa, mas só quando está sozinha. Usa lenços enrolados ao pescoço, parece uma mulher birmanesa. Veem-se-lhe as alças do sutiã. Não posso cheirá-la, nem saber se respira agitada. Não sei o que se sente ao tocar-lhe nas costas. Não tenho pormenores. O mais perto que cheguei foi quando encostei a mota ao portão, mas o motor assustou-a e acelerei. Terá olhado para mim, pensado em mim? O que mais me intriga são os olhos. Não saber ao certo como são os seus olhos; diria que cinzentos, mas por vezes mimetizam a cor do feno. Como seria ter os seus olhos sobre os meus? Posso dizer que tem ombros largos, dedos finos, que quase nunca se ri, que os passos que dá quando caminha são tão longos que parece integrar uma parada militar. Não fuma. Ou pelo menos nunca a vi fumar. Não ouve música, pelo menos não ao cair da noite, nas tardes em que passo por ali à saída do trabalho,

já com a boca seca meia hora antes de me sentar na moto e de pôr o capacete. Meia hora antes de saber que a verei sentada numa rede com o seu bebé. Loiro como ela. Magrinho e comprido. Atira-o ao ar e apanha-o desajeitadamente na descida. Embora uma vez não tenha conseguido. Vê-la-ei chorar, enfurecer-se com a boca. Não sei o seu nome, nem a sua idade, nem nada. Ouvi-a cantar uma ópera com uma voz grave e barroca, vê-se que não nasceu aqui, mas onde, quando. Se me tivessem contado esta história no trabalho, diria que não é possível. Um homem como eu. Chefe do serviço de radiologia do centro de saúde da cidade. Radiologista formado na universidade pública em 1983. Casado e com uma filha especial, de capacidades diferentes, calmo, um homem caseiro. Nascido e criado na cidade mais próxima. Homem que viveu toda a infância e toda a adolescência no mesmo distrito, no centro do país. Embasbacado por uma mulher de saia rodada que passa as tardes deitada como um anfíbio no relvado do seu jardim. Vejo-a durante o tempo que a velocidade mínima me permite, esses segundos fatais. Penso nela e fico nauseado de tanto desejo. Um homem como eu, não particularmente bom, mas tão-pouco um diabo. Um homem como eu, que gosta de acariciar os cabelos lisos da sua mulher, de fazer amor lentamente, quando o bebé dorme, respeitando o seu tempo, os seus dias com o período. Um homem vivaço, divertido, que não complica as coisas em nenhuma circunstância. E agora, com o triângulo de sinalização na berma da estrada, acossado pela secura na boca quando, a caminho de casa, tenho de passar pela sua porta e de a ver, confundida com as flores. E essas imagens que duram os vinte quilómetros entre ela e a minha casa. Imagens furiosas coladas ao meu céu da boca. Ela entre os espinhos. Ela, uma visão alucinada e alaranjada; e eu, uma raposa louca na berma da estrada.

Passo por quintas e currais, ouve-se o cacarejar e depois vê-se o galinheiro. As mesmas pessoas de sempre cumprimentam-me com as mãos no solo ou nas tetas das vacas ou em cima de uma árvore com uma serra elétrica. Esse ambiente familiar de ferramentas, de estrume, de engorda e de cães de caça, corrompido por esta imagem que levo para casa como um despojo. Esta imagem que cresce em mim, causando estragos. O horror deste desejo. Querer arrancar-lhe a pele. Aceno à minha bela mulher que, com luvas, retira pequenos espinhos do jardim, mas a imagem persegue-me também quando estaciono e entro. Uma auréola que se expande. A minha árvore áspera e sem folhas torna-se voluptuosa. Também quando pego na minha filha ao colo. Até quando lhe dou de comer à boca e a lavo no banho. E mais ainda. Muito mais. Esta madrugada chorei por ela no chão da cozinha, aos murros nos azulejos, desejei ter comigo as suas falanges, as suas ancas, o seu rabo. Enganei-me a mim próprio pensando que isso era o mais baixo que podia ir. Uma imagem envenena-nos, basta os olhos de uma coruja e é tarde de mais. Encosto-a à parede, desfaço-lhe o coque com os dentes e sufoco-a com os meus beijos.

O que queres que façamos com as tuas cinzas?, perguntou ao marido quando os pulmões dele já não davam para mais. Eh?, disse ele, que perdia a audição. Queres que te enterremos ou que te espalhemos algures, querido?, teve de gritar. Para mim, vai dar ao mesmo, respondeu ele. E não lhe interessou deixar isso, nem qualquer outra coisa, por escrito. A minha sogra, que continuava a pôr as calças sujas do marido na máquina de lavar, vivia uma segunda morte quotidiana. A sua casa era um enorme bloco de betão maciço com vista para o campo aberto de pastagens secas e milho atrás de uma fileira de pomares. O caminho de asfalto que levava a casa estava sujo, com o ar tingido de fumo cancerígeno. Alguém queimava fios de cobre para os revender. As toupeiras também cavavam buracos profundos no terreno, transformando-o num campo minado. O meu sogro costumava dizer que era preciso optar pela solução definitiva para o problema, enfiar garrafas com gás à saída das suas tocas, o *Shoah* de toupeiras. Ela ainda continuava a cozinhar para dois, a mudar as fronhas das almofadas, a coser-lhe os calções rasgados nas virilhas. De manhã, após uma noite sem dormir, eu passava com o carrinho de bebé e via-a sentada, aturdida, como se tivesse a cabeça dentro de um sino. Vivia no seu corpo como quem entrasse numa casa invadida e tentasse atravessá-la sem tocar no chão. O único momento de paz, dizia ela, era o sono. Essa dispersão do espírito. Mas tinha graves transtornos para adormecer, e além disso era sonâmbula. Certa vez andou pela aldeia em camisa de dormir a gritar «fogo!»,

noutra usou os sapatos como telefone e falou com Deus; isto quando não se punha a aspirar às quatro da manhã. Vi-a comer, ao pequeno-almoço, pão branco que estava na cozinha há dias. Não viu o prazo de validade dos medicamentos que começou a tomar no dia do funeral. Não espantou as moscas nem retirou os ovos que estavam dentro do frasco de doce de castanha caseiro. Olhou para os dedos que levavam o pão à boca como se fossem de outra pessoa e engasgou-se porque para quem fica o tempo não passa, é sempre um limbo. Como uma camisa molhada, húmida sobre o corpo, algo que não desaparece nem descola. E embora o seu eterno companheiro não passasse longas horas mergulhado nela, tardes inteiras, verões, aferrado a ela, ou dias no campo a entrar nela, a saciá-la; embora nem sequer pensasse que ela tinha desejos, de tão esburacada que andava, era o seu companheiro. Pensava que a sua mulher em vez de uma vagina tinha uma pedra no fundo de uma gruta. Imaginava-a sempre coberta com os pequenos xailes que bordava. Habitou-se a amá-la como se ela tivesse nascido assim. E ela também. E quando viu o cadáver limpo do marido, ficou impressionada, porque antes de se transformar em cinzas tinha a forma de um corpo nascido no outono de 1940. O pedantismo, os monólogos que fazia sentado à cabeceira da mesa, as suas gargalhadas sobre o trator em funcionamento acabaram fechados num caixão de pinho. E ali ficaram os pequenos segredos, as escapadelas ao bordel da zona, a vez em que enfiou a mão pesada na saia de uma colegial no autocarro da aldeia e todos comentaram o que acontecera. Ali ficaram também as suas proezas na armada, os homens mortos que anotava nas virilhas, o jogo de cartas numa cabina de comboio aos trinta e dois anos, a vez em que ele a fez mijar-se de riso e ela teve de ir a correr mudar de roupa. Foi um velório como qualquer

outro, uma despedida curta. Excelente pai e marido, disseram os convidados. Excelentíssimo. As pessoas foram em procissão comer na pousada onde o defunto era cliente habitual. Estava lá ao meio-dia, todos os dias, a beber as suas cervejas e a comer os seus aperitivos, era lá que contava, com graça, as suas lendas da linha da frente. O cortejo recordou-o entre os seus camaradas. A viúva relatou o que dele não se conhecia, dizendo que costumava sentar-se na sala de estar em total escuridão, durante horas, de frente para a árvore iluminada. E não era tanto a morte concreta do meu sogro que me impressionava, mas sim a perda das suas palavras, na minha vida imunda, os adjetivos que aplicava a si próprio, sou um sobredotado, o tom salivante e pastoso. Tanta palavra cravada aqui e ali, tanta recordação ousada da guerra, tanta falta de moderação, e no fim nem sequer foi possível dizer uma oração.

Ela, ele e o bebê de ambos; ela e a mãe; ela e o filho adolescente. Sempre ela — a heroína sem nome, na primeira pessoa — e o violento turbilhão de paixões, duelos, medos e obsessões que a perseguem em casa, no hospital, no bosque, na estrada. Ela e a febril sensação de estar presa a um papel que não foi da sua inteira escolha, a uma realidade doméstica e familiar que a destrói e da qual anseia fugir. Sempre ela no limite alucinante do amor, da sanidade e da vida.

Trilogia da Paixão reúne num único volume os três primeiros romances da escritora argentina Ariana Harwicz (*Mata-te, Amor; A Atrasada Mental; Precoce*), que compõem, segundo a autora, uma trilogia involuntária sobre a maternidade e os seus tabus. Comparada a Nathalie Sarraute, Virgínia Woolf ou Sylvia Plath, Harwicz forjou um lugar só seu na literatura contemporânea, com a sua escrita única e explosiva em que o prazer do paradoxo, da transgressão e da imoralidade flui livremente numa linguagem poderosa e poética.

«Celebrando a paixão e a rebeldia com uma intensidade
digna de Clarice Lispector.»

The Times Literary Supplement

«Harwicz impressiona e espanta com as suas descrições intensas
de comportamentos humanos extremados.»

Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-548-5



9 789895 835485